

Tempo e Temporalidade em Heidegger a partir da ótica de Benedito Nunes

Bruno Thompis Alves Siqueira Barbosa⁹¹

Resumo

Em *Ser & Tempo*, Heidegger nos apresenta uma perspectiva ímpar acerca do tempo e da temporalidade, mostrando-nos ideias que tiveram e têm uma importante contribuição na caracterização do jeito de pensar o tempo na nossa filosofia, tornando-o um autor de leitura essencial e quase obrigatória na busca por uma existência autêntica. Os modos da temporalidade, o movimento extático e a concepção do Intratemporal serão estudados aqui através da perspectiva heideggeriana na ótica de Benedito Nunes.

Palavras-chave: tempo, temporalidade, Heidegger, Benedito Nunes.

Heidegger's time and temporality from the perspective of Benedito Nunes

Abstract

In *Being and Time*, Heidegger honor us with a singular perspective about time and temporality. Show ideas that have an important contribution to form the way to think the time philosophy, turning him into an essential author to read in a search for authentic living. The "kinds" of temporality, the extatic movement, and the Innertemporal conception will be studied in the perspective of Benedito Nunes.

Keywords: time, temporality, Heidegger, Benedito Nunes.

Introdução

Tempo e temporalidade são, talvez, alguns dos assuntos mais polêmicos da filosofia. Aristóteles, Agostinho, Bergson e muitos outros tentaram dar, cada um, sua definição ideal sobre o assunto. Mas é Heidegger, em *Ser & Tempo*, quem revoluciona. Brindando-nos com uma ótica ímpar acerca deste tema. Transformando e adaptando Aristóteles e, de certa forma, criando uma nova concepção temporal, Heidegger procura desvendar o mistério da existência e, para isso, o diálogo com o tempo é peça-chave nessa busca inicial. Temporalidade própria e temporalidade imprópria, autenticidade e inautenticidade, o movimento extático e a sua estrutura do cuidado, formatando, assim as estruturas do *Dasein*, a questão da substância serão pontos a serem discutidos aqui. Benedito Nunes procurou passar-nos os ensinamentos heideggerianos mediante a obra Heidegger & Ser e Tempo que discutiremos aqui. Para isso, nada melhor que uma pequena apresentação acerca dos possibilidades desse artigo.

⁹¹Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFP). E-mail: brunothompis@gmail.com

O autor

Benedito José Viana da Costa Nunes foi um filósofo brasileiro nascido no final da década de 20 e que veio a falecer em Novembro de 2011, aos 81 anos, devido a uma hemorragia estomacal que não pôde ser controlada. Benedito nos deixa como legado diversas obras que versam entre a poesia e a filosofia, onde residiam suas áreas de maior atuação: Filosofia da Arte, Hermenêutica, Estética e a Literatura como um todo. Benedito, em vida, foi vencedor de duas edições do *Prêmio Jabuti de Literatura* (1987 – Passagem para o poético e 2010 – A clave para o poético) e foi agraciado com um *Prêmio Machado de Assis de Literatura*, pelo conjunto de sua obra. Dentre suas publicações, destacam-se os livros: *O dorso do tigre*, *João Cabral de Melo Neto*, *Poesia de Mário Faustino*, *Introdução à filosofia da arte*, *A filosofia contemporânea*, *O tempo na narrativa*, *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*, *No tempo do niilismo e outros ensaios*, *Crivo de papel*, *Hermenêutica e poesia* e, a nossa obra em questão, *Heidegger Ser & Tempo*.

Martin Heidegger

Heidegger foi um filósofo alemão, professor da Universidade de *Freiburg im Brissgau* e reitor da mesma entre 1933 e 1934. Benedito nos apresenta um Heidegger que pode ser didaticamente dividido em duas fases, sendo que a primeira fase compreende a publicação de *Ser & Tempo*, que seria um tratado sobre o ser, e a segunda compreenderia a década de 30 e culminaria com a publicação de *Sobre o Humanismo*, logo após a Segunda Guerra Mundial. Sua contribuição para a filosofia moderna é inegável e ultrapassa a barreira do simples publicar, avivando-se a cada dia mais nos âmbitos acadêmicos e acendendo a chama de uma ontologia, na qual a busca de uma primazia do ser sai do âmbito meramente inteligível e resulta numa busca quase que empírica pelo sentido do ser lançado, beirando o existencialismo, embora esse nunca fosse sua preocupação principal.

Benedito nos ensina que Heidegger utiliza o método fenomenológico de Husserl, a quem ele dedica a obra *Ser & Tempo*, o que quase o impossibilita de trabalhar com conceitos (característica da filosofia) bem definidos.

Tempo e temporalidade

Não há uma essência, uma substância, intrínseca ao eu como o pensam grandes correntes e teóricos da filosofia. É com essa afirmação que Benedito começa a discorrer sobre o tempo. Para ele, Heidegger diz que essa essência se encontra em outra coisa que não o eu. Aqui nos ateremos, por enquanto, à concepção de temporalidade descrita por Heidegger e, mais à frente, procuraremos, desvendar esse segredo que nos remete à perguntar: onde está essa essência, então?

A possibilidade como possibilidade se abre para o homem à medida que ele decide. Essa decisão nos remete à morte e, finalmente, nos situa dentro de um mundo pré-determinado onde fomos lançados. Para Heidegger, é quando o homem toma consciência da morte, como possibilidade da impossibilidade, que ele se abre para todas as possibilidades com as quais pode vir a ser. É a consciência da finitude que leva o homem a decidir, é a presença da morte que o faz decidir, é o despertar para a possibilidade da impossibilidade que o faz decidir e essa decisão o totaliza. Benedito chama essa decisão de projetar-se. E é através desse mesmo projetar-se que o homem pode advir a si de modo existencial. Em outras palavras, quando eu decido, eu potencializo mantendo o meu ciclo de possibilidades em aberto. É através da decisão, que descubro, com minha existência, que posso ser eu mesmo e me libertar das decisões que a todo instante foram tomadas por mim por outros entes.

O *Dasein* só se reconhece como ser lançado quando se *futuraliza*, quando se antecipa remetendo-se à morte e essa projeção o leva ao presente, como momento da decisão. Heidegger nomeia esses três passos citados como movimento *extático*, ou, como “o fora de si em si e para si mesmo” da existência, ou ainda: *temporalidade*. Para Heidegger, a temporalidade é bem mais que uma ferramenta de contagem de momentos pretéritos e momento suscedentes. A temporalidade é a principal ferramenta utilizada pelo homem na busca do caminho da existência autêntica ou própria. Dessa forma, temos uma estrutura extática bem definida e que nos põe cara-a-cara com as características do *Dasein*: o **advir** é o *poder-ser*, o **retrovir** é o *ser lançado* e o **apresentar** é o estar junto aos entes, ou seja, é o *ser-com*. Assim compõem-se os três membros da estrutura do cuidado. É através de sua movimentação, de seu exercitar, que finalmente nos imporemos à frente da nossa própria subjetividade.

É válido ressaltar que o movimento *extático* nos incita a sair fora de nós mesmos, quer que nos projetemos, quer que nos libertemos e a primeira recompensa que recebemos por compreendê-lo é ter nossa subjetividade livre para ser nossa e não mais dos outros.

Assim, por ter *status* de completude, a temporalidade abarca o homem como um todo pelo fato de remetê-lo à morte. Porém, não é surpreendente perceber a tendência quase que unânime de esconder a morte do cotidiano do homem. O *ser-lançado* é bombardeado com todos os tipos de influência, pré-determinação, toda a carga de possibilidade do outro que o engessa em sua situação atual, impedindo-o de praticar o exercício para a morte. Fica nítida, então, a tendência do *Dasein* de oscilar entre dois pólos distintos: o da existência autêntica e o da existência inautêntica. Essa oscilação teria fim quando o homem decidisse antecipar-se, ou seja, aceitar a concepção de temporalidade focada no fim que já somos, na nossa finitude. Em outras palavras, essa decisão reconheceria o nosso fim e para ele se remeteria, não como expectativa, e sim como antecipação.

Partindo desta concepção, temos o que Heidegger define como temporalidade própria ou autêntica, onde o futuro deixa de ser expectativa e passa a ser antecipação. O futuro, então, perderia a característica de não-existente (o futuro é aquilo que ainda não é, diria o senso

comum) de modo a não termos controle sobre ele, jogando-o lá na frente, quase como inalcançável. O passado deixaria de ser esquecimento, sairia do plano do que “já passou” e necessariamente teria conotação de retomada. Deixaríamos, então, a tendência de esquecermos e inacessibilizarmos o que outrora fomos, em favor de retomarmos algo que uma vez foi possível. O presente, que puxa a cadeia da temporalidade vulgar ou inautêntica, deixaria de ser o nosso foco principal e passaria a ser o momento da decisão. É no agora que eu decido, antecipando-me. Assim, organizando o pensamento da forma como Benedito no explicou anteriormente, vimos que é com a antecipação que retomo o que uma vez foi possível e é através dessa retomada é que me apresento, buscando o momento da decisão e, assim, projetando o presente, mas focando sempre no futuro. Desse modo, o *Dasein* ainda é passado sem deixar de ser presente e a partir disso, antecipa o futuro.

Citando Agostinho para justificar a inexistência dos três tempos, Benedito nos põe, frente a frente, com uma temporalidade que não se mostra em etapas independentes entre si mas, como um emaranhado de sucessões que atuam em conjunto, impossibilitando a divisão e a independência dos três tempos que aqui são divididos somente como forma didática. Frisemos: não importa o êxtase da temporalidade, a temporalização deve ser feita através do futuro. Agora, o presente não mais seria o “mandatário” da temporalidade. É o futuro quem puxa a cadeia dos êxtases. É só com o futuro que a possibilidade se abre como possibilidade, é ele quem potencializa o projeto. O presente, como no cotidiano, é concebido como um simples agora e essa é a deixa para entrarmos no âmbito da temporalidade imprópria ou inautêntica: o presente é, como dito, o agora, o futuro é expectativa e o passado é esquecimento do que já passou. A impropriedade citada por Heidegger se apresenta, tomando como base essa concepção de temporalidade, por esquecermos a morte. Além do mais, a temporalidade imprópria, por basear-se nos agoras da existência, se torna infinita em si espalhando-se pelos entes *intramundanos* parecendo que deles se origina. Heidegger define a temporalidade assim explicitada por *intratemporal*.

O intratemporal

Caracteriza-se pela preocupação iminente com as coisas com as quais se está. Ou seja, assumindo a concepção de temporalidade de forma imprópria, tendo a me esvaziar de futuro, esquecer-me da morte e viver *com* e *para* o mundo circundante, transformando minha concepção temporal como o tempo, que posso tanto agarrar quanto perder. Não é difícil que, ao pensarmos o *intratemporal*, o julguemos como esquecedor da temporalidade, mas não é bem isso. O *intratemporal* é derivado da temporalidade que outrora definimos e compreendemos. A grande diferença, e é aqui onde mora a o cerne da questão, é que o *intratemporal* altera a temporalidade, retirando do futuro a primazia *extática* outrora conquistada e estabelecendo o presente como carro-chefe dos êxtases da temporalidade, retomando, assim, a concepção de temporalidade imprópria.

O tempo, assim concebido, remonta à concepção dos entes *intramundanos* que primeiro são acessíveis não de modo cognoscível e, sim, por sua utilidade, seu tato, sendo definidos pela função a qual se prestam. Tendo por base essa concepção, o caráter público que Heidegger atribui ao tempo, transforma-o em algo com utilidade pré-estabelecida, remontando à Aristóteles e à concepção que Heidegger definiu como *tempo natural* ou *vulgar*. Assim, o tempo com o qual contamos passa a ser “contado, medido, descoberto nas coisas” e que nos prestamos a alocá-lo em instrumentos públicos, obedecendo ao seu caráter anteriormente citado, para medir o tempo. Porém, nesse processo, entramos em conflito direto com o *Dasein*: se o *Dasein* já conta com o tempo, já o apreende, onde alocaríamos as nossas medidas? Benedito diz que, as medidas feitas por nós passariam a ter função meramente reguladora, estabelecendo momentos específicos para cada coisa. Assim, teríamos uma sucessão de “agoras” independentes, expondo aqui o presente à dianteira dos êxtases da temporalidade em função das coisas nas quais se temporaliza⁹².

No que tange à temporalidade, ao remetermo-nos à subjetividade, significa remetermo-nos à compreensão da temporalidade extática. Heidegger frisa que é na temporalidade extática que a subjetividade se liberta.

Respondendo, então, à pergunta feita no começo do artigo, posso afirmar que a substância como vigente no eu, é puramente neutralizada pela temporalidade. Fazendo com que a substância do homem seja a sua própria existência e aqui Heidegger nos incita a um pequeno exercício lógico sobre o *Dasein*: tudo o que vimos anteriormente pode ser traduzido na seguinte definição, o *Dasein* é temporal. Se o *Dasein* é temporal, ele existe de modo a temporalizar-se desde o seu nascimento até o seu fim, até a sua morte. Pensemos pois, num mundo sem temporalização. Se o *Dasein* é temporal e estamos nesse mundo sem temporalização, não haveria *Dasein*. E, então, de acordo com as definições heideggerianas, é o *Dasein* quem proporciona o mundo. Não haveria mundo sem *Dasein*.

Desta forma, o *intratemporal* se preocupa com o mundo circundante e se estende em cada “agora”. Lembremo-nos sempre que a busca de Heidegger em *Ser & Tempo* é pelo sentido do ser. Sentido, em Heidegger, é onde a compreensibilidade de algo está apoiada. Logo, compreender o ser, está diretamente ligado à questão da temporalidade outrora explicitada por nós. Esta mesma temporalidade, é o sentido do *Dasein*. Por fim, concluímos que a temporalidade, que abrange todas as estruturas da existência (o ser lançado, o ser-com e o ser-para-a-morte), é a possibilidade da possibilidade.

Considerações finais

Benedito Nunes nos brinda com uma compreensão astuta da ordem temporal na filosofia de Heidegger, nos impulsionando a refletir acerca da autenticidade de nossa própria

⁹²Heidegger, segundo Benedito, frisa que a concepção de tempo natural não pode ser deixada de lado, pois é “a primeira interpretação detalhada desse fenômeno que nos foi transmitida”.

existência. Inquietante para alguns, absurdo para outros, o fato é que Heidegger possui uma visão ímpar da temporalidade e procura, com ela, embasar uma existência própria, autêntica em cada um de nós.

Sua preocupação, entretanto, não pode ser vulgarmente definida como arbitrária. Da mesma forma, não podemos dizer que o homem vive melhor com a existência autêntica. Heidegger nos deixa a cargo de nós mesmos; a nossa decisão antecipadora um dia virá e quando ela vier, teremos que escolher entre a abertura à propriedade ou a permanência na impropriedade. O homem é e sempre foi livre para escolher e a ordem racional é prova disso. A ordem racional impulsiona o homem a ser livre, como Benedito faz questão de frisar: “a vocação convoca-nos à nossa liberdade, a um ‘querer ter consciência’, que é o que escolhemos angustiadamente” (Heidegger & Ser e Tempo, p.23). Porém, isso não constitui uma automaticidade da decisão, da consciência da morte, do remetimento à finitude, da antecipação, da saída da menoridade do presente, muito pelo contrário. A razão nos angustia e o momento da decisão pode e, frequentemente, esbarra nessa angústia, nesse “conscientizar-nos”.

Cabe ao homem domar a angústia e apropriar-se de sua própria vida. Para isso, é bom ter em mente que o caminho fácil é a permanência, a mudança sempre tende a ser a radicalização de paradigmas e, portanto, o caminho a ser percorrido está muito longe de ser fácil.

Submetido em outubro de 2013.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2014.

REFERENCIAS

NUNES, Benedito. **Heidegger & ser e tempo**. 3^a Ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2010.